

Método epistolar: a escrita de cartas como metodologia sensível de comunicação

Método epistolar: escribir cartas como una forma sensible de comunicación

Epistolary method: letter writing as a sensitive communication methodology

Paula Gorini Oliveira

Resumo

Este trabalho apresenta a pesquisa em desenvolvimento do Método Epistolar, em sua aplicação prática em sala de aula, o Projeto de Ensino Missivas Moventes, realizado entre 2023 e 2024, na disciplina Oficina de Expressão Escrita, no Departamento de Estudos Culturais e Mídia/UFF. A metodologia de escrita de cartas tem por finalidade facilitar processos criativos de produção textual e o desenvolvimento de narrativas autobiográficas. Pode ser observada como prática interacional, com base no conceito de dialogismo de M. Bakhtin, bem como por sua abordagem pedagógica inspirada em P. Freire e as práticas ativas de ensino-aprendizado. Uma hipótese é que através da escrita de cartas é possível mobilizar outra dimensão simbólica acerca da reflexão que os alunos fazem de si, a carta como metodologia comunicacional sensível. Os resultados processuais foram apresentados publicamente na produção de um podcast experimental produzido a partir das cartas escritas pelos alunos.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 30/06/2025 aceito em: 10/08/2025.

>> Como citar este texto:

OLIVEIRA, Paula Gorini. Método epistolar: a escrita de cartas como metodologia sensível de comunicação. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 02, p. 207-232, mai./ago. 2025.

Sobre a autoria

Paula Gorini Oliveira
paulagorini@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0264-8452>

Professora, pesquisadora e produtora cultural. Realiza estágio de Pós-Doutoramento no PPGCOM da Universidade Federal Fluminense. Doutora (2020) e Mestre (2012) em Comunicação pela UERJ. Graduada em Jornalismo (FACHA/2003) e Especialista em Jornalismo Cultural (UERJ/2010).

Palavras-chave: Método Epistolar. Metodologia Sensível de Comunicação. Práticas Interacionais de Educação. Culturas Juvenis.

Abstract

This work presents the development research of the Epistolary Method, on its practical application in the classroom, by the Missivas Moventes Teaching Project, carried out between 2023 and 2024, in the Workshop of Written Expression, in Cultural and Media Studies Department, at Federal Fluminense University. The methodology of letter writing aims to facilitate creative processes of textual production and the development of autobiographical narratives. It can be observed as an interactional practice, based on M. Bakhtin's concept of dialogism, as well as in its pedagogical approach inspired by P. Freire and the active teaching-learning practices. One hypothesis is that through writing letters it's possible to mobilize another symbolic dimension about the reflection the students make of themselves, the letter as a sensitive communication methodology. The work-in-progress results were presented by the production of an experimental podcast with the letters written by the students.

Keywords: Epistolary Method. Sensitive Communication Methodology. Interactional Practices in Education. Youth Cultures.

Resumen

Este trabajo presenta la investigación en desarrollo del Método Epistolar, en su aplicación práctica en el aula, el Proyecto de Enseñanza Misivas Moventes, realizado entre 2023 y 2024, en la asignatura Taller de Expresión Escrita, en el Departamento de Estudios Culturales y Medios de Comunicación/UFF. La metodología de la escritura de cartas tiene como objetivo facilitar los procesos creativos de producción textual y el desarrollo de narrativas autobiográficas. Puede observarse como una práctica interactiva, basada en el concepto de dialogismo de M. Bajtín, así como por su enfoque pedagógico inspirado en P. Freire y las prácticas activas de enseñanza-aprendizaje. Una hipótesis es que, a través de la escritura de cartas, es posible movilizar otra dimensión simbólica sobre la reflexión que los alumnos hacen de sí mismos, la carta como metodología comunicativa sensible. Los resultados del proceso se presentaron públicamente en la producción de un podcast experimental elaborado a partir de las cartas escritas por los alumnos.

Palabras clave: Método epistolar. Metodología sensible de comunicación. Prácticas interactivas de educación. Culturas

juveniles.

Introdução

Não é fácil escrever esta carta. Começou como um poema, um longo poema. Tentei transformá-la em um ensaio, mas o resultado ficou áspero, frio. Ainda não desaprendi as tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas que a lavagem cerebral da escola forçou em minha escrita. Como começar novamente? Como alcançar a intimidade e imediatez que quero? De que forma? Uma carta, claro. (Anzaldúa, 2000, p.229)

Na citação que inaugura este texto, Gloria Anzaldúa escreve uma “Carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, que é também uma crítica aos sistemas estruturais epistêmicos que operam exclusões de gênero, classe, raça, sexualidade. Na passagem citada, a autora fala da maneira como ela encontrou para se aproximar de outras mulheres escritoras: o formato de carta. A carta articula intimidade para chegar e tocar mulheres que, como ela, falam outras línguas e, por isso, lhes foi negada ou dificultada a manifestação de suas vozes: “Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos. Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito.” (Anzaldúa, 2000, p. 229).

O Método Epistolar é um projeto de pesquisa em desenvolvimento, pensado e inspirado pela escrita de cartas, pela maneira como articula tempo, afetividade, intimidade e expressão criativa. Se desenvolve a partir dos estudos epistolares e da epistolografia (escrita de cartas) como metodologia sensível de comunicação, a partir da observação da produção de narrativas de si, especialmente no que concerne ao recorte de culturas juvenis. O que será aqui apresentado é um relato da experiência do Projeto de Ensino Missivas Moventes, com base no método epistolar, realizado na Universidade Federal Fluminense/UFF, para os alunos de graduação em Estudos Culturais e Mídia.

A pesquisa do método epistolar tem seu embrião na realização de um podcast experimental com mulheres egressas do sistema prisional, Rádio-Carta

Mulher (RCM), produzido em 2021, através de fomento direto do Fundo de Apoio à Cultura Carioca (FOCA), e lançado em 2022 no Spotify e Youtube¹ - como relatado em artigo prévio, “Carta para Elas”². Naquele contexto, as cartas surgiram de forma intuitiva, como uma metodologia para acessar as narrativas de histórias de vidas das participantes do projeto, de modo que pudessem predominar suas próprias vozes. As cartas escritas pelas protagonistas do RCM, destinadas a outras mulheres que as marcaram, formaram o primeiro experimento com o método epistolar, que se mostrou extremamente produtivo, no processo de escrita livre e criativa das cartas em caráter autobiográfico.

O segundo experimento se deu através do Projeto de Ensino Missivas Moventes, durante o período de professora substituta no curso de graduação em Estudos Culturais e Mídia, na UFF (Universidade Federal Fluminense). A produção com os alunos resultou em um episódio-piloto de podcast experimental, gravado em suas vozes, com apoio do laboratório de áudio do IACS (Instituto de Arte e Comunicação Social), e lançado na plataforma de streaming do Spotify, através do canal do OCA (Observatório de Cinema e Audiovisual da UFF)³. No experimento com os alunos, o tempo se apresentou como a problemática mais evidente.

Este artigo se apresenta com base nesse segundo experimento, e, enquanto relato de experiência, pretende compartilhar práticas e procedimentos postos em ação, a partir da apresentação do método epistolar. Ao propor o método, me interessava investigar as narrativas de história de vidas, inclusive pelas observações feitas a partir do primeiro experimento. Enquanto premissa, buscava seguir por essa mesma trilha, como meio de alcançar vozes (discursos) adormecidas ou silenciadas por aspectos sociais e históricos, como havia sido na experiência prévia. No entanto, a prática em sala de aula acabou por trazer à tona outras questões, deixando essa do silenciamento como efeito secundário,

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@radio-cartamulher5582/videos>

² Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21890>

³ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6CpYy0VKw2z6qNDJY8gbzs?si=DU5Wh3WwQfmYwjzTNuTxQ>

fazendo mais relevante seu caráter criativo e expressivo. Assim, foram evidenciados os seguintes aspectos: 1. a materialidade da carta: escrita manual, expressão de afetos, contato com alguém querido, mesmo que imaginado, uma experiência pouco usual para essa geração; 2. A escrita criativa: possibilidade de dar voz a anseios, ideias, questionamentos, reflexões, em uma escrita livre (em relação aos textos acadêmicos) e criativa (privilegiando o aspecto fabulatório). É sobre o desenvolvimento do método como ativador de subjetividades, postas em contato com sensações, memórias e afetos, que este trabalho se debruça.

Do ponto de vista do foco de interesse dos estudos na área de Educomunicação, este trabalho se apresenta como uma investida no cruzamento entre os campos de comunicação e educação, de maneira ainda exploratória, guiada por minha própria trajetória acadêmica no campo da Comunicação e a mais recente investida no campo da Educação, de maneira mais específica, através de uma segunda formação no curso de Licenciatura em Letras. Ainda que de grande afinidade com o campo da Comunicação, pelo viés dos estudos da linguagem, o curso de Licenciatura me põe em contato com a história e filosofia da Educação e das práticas pedagógicas. Isso me despertou para outros interesses, como, por exemplo, a relação que se estabelece em sala de aula entre alunos e professora, em que se tornou evidente a própria metodologia, bem como o próprio espaço da sala de aula, como constituintes das práticas interacionais que aqui serão apresentadas. Para ancorar o conceito de práticas interacionais, articulo a ideia de Eric Landowski sobre a abordagem sociossemiótica, que implica

privilegiar não a descrição de *sistemas* que determinariam a produção e a recepção das manifestações significantes (o que acabaria por encerrar as práticas de sentido numa função de perpétua reprodução de si mesmo), mas a análise dos *processos*, ou seja, justamente, das interações (entre sujeitos ou entre o mundo e os sujeitos) que presidem a construção mesma do sentido e tornam em consequência possível a emergência de configurações inéditas. (LANDOWSKI, 2014, p.12)

Nesta direção, não é trivial observar que a escrita de cartas, enquanto proposição metodológica, pode acessar outros sentidos postos em ação, quando

alavancadas por uma proposta pedagógica do campo da comunicação. Partindo de uma experiência concreta com os alunos durante 2 semestres, observei a urgência criativa e expressiva com a qual o projeto de ensino foi apropriado pelos estudantes.

Pensar a comunicação como linguagem, como parte do campo epistemológico da comunicação, é pensar que a produção de sentidos não está restrita ao significado das palavras. Mikhail Bakhtin faz uma reflexão sobre a linguística, que pretende superar o entendimento restrito da linguagem como códigos ou sistemas, bem como estar apenas focada na expressividade dos atos de fala, observados individualmente. A professora e pesquisadora Livia Suassuna, ao falar sobre a teoria sócio-interacionista de Bakhtin, em uma perspectiva docente, explica que

Bakhtin concebia a linguagem como atividade, prática social, situada em contextos comunicativos/ culturais concretos. Assim, a fala seria socialmente orientada e cada enunciação deveria ser tomada como um elo de uma cadeia ininterrupta de atos de fala. [...] Ele afirmava que a interação social é a realidade fundamental da língua. (2003, p.72)

Diante da ideia de pensar as práticas interacionais presentes em um contexto de sala de aula, através da aplicação do Método Epistolar, e ainda, observar a produção discursiva produzida a partir dessa mesma metodologia, colocam-se em contato os campos de comunicação e da educação a partir da experiência prática da oficina de expressão escrita. Isso tanto nos dá norte para pensar outras metodologias de comunicação, que aqui estou qualificando como sensíveis, por seu aspecto criativo e de produção de sentidos, quanto para pensar a relevância das cartas como dispositivos fabulatórios que acessam memórias e sensações e podem nos falar sobre subjetividades em produção – neste trabalho, com especial interesse sobre as juventudes contemporâneas. Dessa forma, acredita-se que o relato de pesquisa pode contribuir com o debate sobre educomunicação, tanto no aspecto de uma ação pedagógica integradora, como defende Ismar de Oliveira Soares (2010), como no entendimento do educador como um gestor de processos comunicativos.

Em termos metodológicos, será apresentado um debate teórico

introdutório, a partir dos estudos da epistolografia, escrita de cartas, na busca pelos pontos de contato entre a pesquisa do Método Epistolar com bibliografia especializada. Em seguida, será apresentado o Projeto de Ensino Missivas Moventes, a aplicação do Método Epistolar como proposta didática, em sala de aula, inspirada pela abordagem de Paulo Freire. O projeto teve duração de dois semestres, com uma média de 20 alunos por turma, porém, para este ensaio, serão apresentados apenas os recortes das cartas escritas pelos 7 alunos que também participaram do podcast. A análise da produção epistolar dos alunos será feita a partir da chave de leitura do conceito de dialogismo, de Bakhtin, aqui compreendido como a característica implícita dos discursos de se afetarem mutuamente, bem como pelo caráter social da linguagem. Por fim, será apresentada uma reflexão final, com base na experiência relatada, sobre a relevância da carta como metodologia sensível que ainda produz sentido em nossa atualidade.

A epistolografia e o estudo das cartas

Para o desenvolvimento da pesquisa do desenvolvimento do Método Epistolar foi preciso, antes, fazer uma revisão bibliográfica sobre os estudos de epistolografia (autores que estudam cartas como documentos históricos, biográficos, culturais). Além disso, foi usado como referência para a pesquisa inicial, livros com produções epistolares, como romances epistolares e coletâneas com base em cartas trocadas. Neste item, serão apresentados os caminhos de pesquisa que começam, intuitivamente, a partir de uma experiência de produção sonora em podcast experimental, em 2021.

Em 2013, foi lançada uma coletânea de cartas, organizadas pelo inglês Shaun Usher, chamada “Cartas Extraordinárias”, publicada no Brasil em 2014. Esta coletânea reúne cartas (fac-símiles de manuscritos, fotografias de cartas digitadas) escritas em diferentes contextos e lugares, e que ganharam status de documento histórico, seja pela relevância de quem as escreveu, ou pela autenticidade do fato narrado, que ajuda a compreender melhor a própria história

humana. Como, por exemplo, nas cartas de mães que deixavam seus bebês recém-nascidos na porta do “Asilo dos Enjeitados”, em Nova Iorque, no século XIX; ou uma carta enviada, supostamente, pelo assassino psicopata Jack, O estripador, ao chefe do Comitê de Vigilância Georg Lusk; ou mesmo a carta escrita por Laura, esposa de Aldous Huxley, a seus cunhados, contando sobre a morte do escritor e suas últimas horas de vida em estado terminal de câncer, embaladas pela aplicação de uma dose de LSD.

Em 2017, foi lançada a coletânea “Cartas Brasileiras”, que, como o nome diz, é a versão nacional da primeira coletânea, organizada por Sérgio Rodrigues. Nela podemos encontrar a carta do advogado abolicionista Luiz Gama para seu pai, que o vendeu como escravizado ainda criança; de Elis Regina, para seu filho João Marcelo Bôscoli, quando criança, pedindo desculpas por não o ter conseguido amamentar; do austríaco Stefan Zweig, escrita de Petrópolis, sua carta de suicídio. Na apresentação, Rodrigues se refere às missivas como máquinas do tempo: “A relação íntima com o tempo está na substância das cartas. A lentidão era o habitat dos missivistas. [...] As cartas têm com o tempo uma relação de simbiose: são inseparáveis dele, embebedam-se dele e, desse modo, o conservam.” (p.8). A questão do tempo aparece na análise das cartas dos alunos, e também aparecia nos debates em sala de aula, que vislumbravam a carta como uma espécie de antagonista do tempo digital. Essa apreensão, contudo, se não óbvia, deve ser abordada com cuidado, uma vez que, neste trabalho, não se pretende criar oposições nem antagonismos. Aqui, a carta será tratada como dispositivo poético que segue produzindo sentidos em nossa atualidade.

As cartas podem se apresentar de diferentes maneiras, da música à poesia, das cartas oficiais, históricas aos romances epistolares; elas podem refletir espontaneidade, formalidade, ou apenas um caminho para se chegar no outro. Para os teóricos da epistolografia, Renata Ferreira Costa, José Douglas Feliz de Sá e Luiza Daviane Santos Barbosa, as cartas são como diálogos na ausência, como conversas entre pessoas que se encontram distantes, “Essa é a

metáfora que acompanha a noção inicial da carta, afinal de contas ela nasce de um distanciamento” (2020, p.147). Ainda com base nesses autores, a carta, enquanto gênero textual, além de seu valor pessoal, na troca entre pessoas distantes, com temática livre e diversa, da política às emoções, há ainda o valor coletivo, por tratar-se de um certo tempo, lugar, situação. Eles completam: “a carta é o local onde os aspectos pessoais e coletivos se encontram e refletem as marcas da história de determinada sociedade.” (COSTA; SÁ; BARBOSA, 2020, p.148).

As cartas também estão inseridas dentro de um contexto de estudos sobre a cultura, como defende a teórica argentina Nora Bouvet (2006):

Las cartas íntimas han sido instrumento para el pensamiento científico, un medio importante para discutir presupuestos y categorías teóricas, difundir ideas políticas, económicas, religiosas, filosóficas, comentar sucesos y textos publicados, es decir, han servido para expresar cuestiones que no pertenecen al ámbito estrecho de lo íntimo, lo que muestra la connivencia de la carta y del universo intelectual en la cultura. (Bouvet, 2006, p. 16)⁴.

Nesse trecho, a autora defende a carta como relevante no campo político, histórico e social; e mesmo as cartas ditas íntimas, constituem um fazer social que é também político, porque está inserido no campo da cultura. Essas relações estão circunstanciadas pelas práticas humanas e a carta é objeto de interesse das ditas ciências humanas.

No campo das artes, as cartas também têm valor histórico e biográfico, tendo sido apresentadas em diversas coletâneas de artistas, de diferentes tempos, como em “Todas as cartas”, de Clarice Lispector, 2020; na coletânea de cartas de Vicent Van Gogh, escritas para seu irmão Theo, publicadas no Brasil em 2010; ou nas cartas trocadas entre Hélio Oiticica e Lygia Clark, durante finais

⁴ Em tradução livre: As cartas íntimas têm sido um instrumento do pensamento científico, um importante meio para discutir pressupostos e categorias teóricas, divulgar ideias políticas, econômicas, religiosas, filosóficas, comentar acontecimentos e textos publicados, ou seja, têm servido para expressar questões que não pertencem ao âmbito estreito do íntimo, o que mostra a convivência da carta e do universo intelectual na cultura.

dos anos 1960, início de 1970, publicadas em 1998. Essas últimas refletem tanto sobre suas produções artísticas, quanto o contexto político histórico da ditadura militar no Brasil. Segundo o teórico Marcos Antonio de Moraes (2007), em artigo sobre a crítica genética⁵, no campo das artes, as cartas podem ocupar o lugar de uma “crônica da obra de arte”: “Confidências e impressões espalhadas pela correspondência de um artista, contam a trajetória de uma vida, delineando uma psicologia singular que ajuda a compreender os meandros da criação da obra.” (p.30).

Há ainda os textos ensaísticos formulados discursivamente em formato de cartas, como a já citada “Carta para as mulheres do terceiro mundo” (2020), de Gloria Anzaldúa, ou a “Uma carta a um jovem artista” (A Letter to a young artist/ 2023), de Lev Manovich. E, por fim, as produções literárias que se valem do gênero textual carta para aproximar leitor e autor, como as “Cartas para minha avó”, de Djamilia Ribeiro (2021), ou a “Carta para minha filha”, de Maya Angelou (2019). Nota-se, ainda, que a pesquisadora e professora de comunicação, Isabel Travancas, recentemente publicou o livro “Correspondência: amor, política e literatura” (2024), um testemunho de que as observações sobre as cartas são relevantes no campo da comunicação.

Neste trabalho, a abordagem sobre as cartas será feita pela perspectiva do método epistolar, ou seja, não se pretende definir um estatuto ou categoria das cartas analisadas, mas sim a maneira como ela coloca em relação mundos, discursos e subjetividades. Neste aspecto, é dar a ver práticas e procedimentos interacionais que revelam sentidos produzidos através da escrita de cartas, em sala de aula, em um curso de Comunicação. Em paralelo, algumas reflexões se colocaram em debate, no encontro com os alunos.

O Método Epistolar no encontro com alunos

O Método Epistolar se constitui enquanto pesquisa teórica e, também,

⁵ Disciplina pertencente à Crítica Textual, do campo dos estudos teóricos das Letras, a crítica genética se debruça sobre o processo criativo descrito em testemunhos textuais na criação de um original.

enquanto prática, através de oficinas de expressão criativa ativadas pela escrita de cartas. Neste item, vamos apresentar a proposta metodológica inspirada pela abordagem pedagógica de Paulo Freire, que compreende o processo de ensino-aprendizado de forma encarnada, através da vinculação, do respeito às diferenças e, principalmente, de um conhecimento que é produzido de forma coletiva, e não verticalizada. Ele diz: “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento.” (1999, n.p).

Em sala de aula, a proposta de curso Oficina de Expressão Escrita se apresentava pela perspectiva da escrita criativa de cartas. Para funcionar, o planejamento consistiu em levar uma temática diferente a cada uma ou duas aulas, em que eram lidos textos teóricos ou literários, ou capítulos de livros publicados a partir do gênero textual carta. As aulas eram divididas entre a apresentação e debate sobre os textos, a produção textual de cartas e uma dinâmica de roda de compartilhamento. Sentados em círculo, num recurso pedagógico ao mesmo tempo intimista, afetivo e não-hierárquico, os alunos liam suas cartas e depois conversávamos sobre as cartas lidas, sempre em coerência com a temática da aula do dia e da proposta de uma escrita criativa. A construção das temáticas era flexível, podiam ser modificadas, adiadas, ressignificadas, a partir do compartilhamento e troca com os alunos.

No momento em que sentamos em roda, já começamos a ressignificar esse espaço físico, em sua arquitetura disciplinadora, como observada pela crítica foucaultiana, na socialização de corpos. No momento em que o aluno ocupa o espaço de dizer e de ouvir, de ter a atenção voltada não apenas para o professor, mas para a troca, o processo de ensino-aprendizagem pode também ser recriado. Há uma quebra de expectativas sobre uma situação tradicional de transmissão de conhecimento, aqui ainda seguindo os passos de Freire: “O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão,

já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos.” (1999, n.p.).

Havia um desejo crescente na turma pela experimentação com a escrita criativa (que fugia aos modelos e formatos que normalmente encontravam na graduação) e o grupo que se engajou com o curso, em uma aula de sexta-feira à noite (18h), foi criando intimidade e confiança entre si e, assim, se aventurou ainda mais fundo em seus processos criativos. Um dos retornos mais relevantes que tive de uma aluna, que gostaria de aqui destacar, reflete um pouco sobre o espaço que foi criado coletivamente: “Eu gosto dessa aula porque é o único lugar em que eu consigo parar”.

Qual o sentido produzido neste enunciado e por que ele reflete (ou por que eu o seleciono como um enunciado que reflete) a proposta metodológica aplicada como prática interacional e emancipadora? Segundo o conceito de dialogismo, em Bakhtin, os sentidos produzidos são sempre atravessados por outros sentidos, em oposição, complementação ou reflexão (Fiorin, 2022). Então, podemos pensar a sala de aula por oposição à ideia de um espaço opressivo, em sua abordagem tradicional positivista, em que se espera do professor a “transmissão de conhecimento”, a que os alunos devem receber passivamente. Nesse sentido, poder parar é poder estar em sala de aula com menos pressão e ansiedade, pois as expectativas projetadas foram harmonizadas. Também poderíamos pensar, avançando no tema do tempo (que aparecerá nas cartas), que parar, como ausência de movimento, pausa, lentidão, se contrapõe ao sentido de velocidade, aceleração presente nas rotinas dos alunos. Neste sentido, pode-se refletir sobre a pausa como instigada por: 1. O processo criativo, em que me conecto com o desejo de expressão, de dentro para fora. 2. O contato com minha subjetividade posta em ação pelo ato de escrever-fabular uma carta, acessando memórias e sensações.

O Projeto de Ensino se desenrolou, então, para um produto final em formato de podcast experimental. Missivas Moventes foi gravado com as cartas de alunos (que se voluntariaram como colaboradores): Ana Clara Pimenta, Bruno

Nemer, Igor Freitas, Livia Zardo, Maria Eugênia Sans, Romulo Magalhães e Vitória Lucas Almeida. Após a gravação, as cartas passaram por um processo de edição, sonorização, mixagem e masterização. A metodologia completa seu ciclo com a publicação do podcast, em julho de 2024, quando as narrativas ganham outra camada de sentidos, na edição e sonoridade das ambientações propostas em roteiro; na passagem e experimentação da gravação de suas próprias histórias, em suas próprias vozes, no laboratório de áudio do IACS (Instituto de Arte e Comunicação Social/ UFF); ao tornar pública uma produção criativa.

A proposta temática do podcast experimental *Missivas Moventes*, “O que te move?”, começava assim: “Oi! Eu quero conhecer você. O que te move? O que faz seu corpo ir em direção ao outro, ao mundo? Onde seu impulso desejante te leva? O que é criar?”. Esta proposta surgiu a partir da leitura de Suely Rolnik, em seu artigo “Geopolítica da Cafetinagem” (2006), texto que avalia a cooptação da cultura pelo capitalismo, e de modos de resistência pela arte. Assim ela observa o processo criativo:

É o desassossego da crise que desencadeia o trabalho do pensamento – processo de criação que pode ser expresso sob forma verbal, seja ela teórica ou literária, mas também sob forma plástica, musical, cinematográfica, etc. ou simplesmente existencial. Seja qual for o meio de expressão, pensamos/criamos porque algo de nossa vida cotidiana nos força a inventar novos possíveis que integrem ao mapa de sentido vigente, a mutação sensível que pede passagem – nada a ver com a demanda narcísica de alinhar-se à “tendência” do momento para ganhar reconhecimento institucional e/ou prestígio midiático. (ROLNIK, 2006, n.p)

Com base na ideia de que criamos porque somos forçados a inventar outros possíveis, a autora apresenta a expressão criativa como ato ligado à vida. Não criamos porque queremos, mas porque somos de alguma forma forçados a isso. Porque sofremos deslocamentos internos, provocados por crises, que nos fazem criar. Essa ideia é muito cara à metodologia epistolar, já que esta é entendida como processo artístico que não está separado da vida. Revelam-se nas cartas contornos de nossa própria subjetividade, em que não são representações do eu, mas sim re-apresentações costuradas pelo afeto e pela memória.

Bouvet, em seu livro “La escritura epistolar”, defende que o formato final ou gênero textual importa menos do que o ato em si de escrever uma carta. Pois na carta se aproximam mundos, se criam personagens (há uma relação muito próxima entre narrar e criar, para a autora, no contexto das cartas), se registra a história (através de notícias trocadas entre remetente-destinatário de acontecimentos históricos e sociais). É assim que a carta pode ser compreendida como movimento: “Una carta es el conjunto de esos elementos ‘puestos en carta’, es decir, menos un estado de lo escrito que un movimiento de escritura.” (Bouvet, 2006, p.12)⁶.

Para a produção das Missivas Moventes, foi compartilhado com o grupo de estudantes um conjunto de 4 cartas: 1. carta do pintor Vicent Van Gogh para seu irmão Théo (de Amsterdam, 3 de abril de 1878); 2. carta da escritora Clarice Lispector para o escritor, seu amigo, Fernando Sabino (de Berna, 27 de julho de 1946); 3. carta do artista Hélio Oiticica para sua amiga, também artista, Lygia Clark (do Rio de Janeiro, em 15 de outubro de 1968); e 4. resposta de Lygia para Hélio (de Paris, em 26 de outubro de 1968). Após a leitura das cartas, e debate sobre quais temas pareciam mais relevantes nos escritos, com quais cartas/temas os alunos se identificavam mais, foi proposto que eles escrevessem uma carta a um colega de sala, e usassem as cartas escolhidas como disparadores poéticos. Assim:

Nessas cartas íntimas, escritas para pessoas queridas, próximas, os artistas falam sobre suas angústias, seus questionamentos de mundo, seus trabalhos. São disparadores poéticos inspiradores para nossa dinâmica, porque disparam reflexões e sensações. Relacionam arte e vida. A pergunta que fica, então, é: o que te move? (MISSIVAS MOVENTES, 2023)

As cartas produzidas através do Método Epistolar não foram enviadas a um destinatário, mas sim acionadas como dispositivos fabulatórios. Porém, vale notar que, mesmo sem serem enviadas, é imprescindível definir um destinatário, mesmo que fictício, pois essa definição a priori define também a modulação de

⁶ Em tradução livre: Uma carta é o conjunto desses elementos “postos em carta”, isto é, menos um estado do escrito que um movimento de escritura.

tom e intimidade na carta escrita. O objetivo da proposta em sala de aula era de usar tanto os recursos teóricos, quanto os textos inspiradores e o formato de carta para a produção de narrativas de si. O espaço para ficção e real são entrecruzados, e, uma boa forma de abordar esse cruzamento é o conceito de fabulação.

Sobre a fabulação, conceito articulado com base nos filósofos Deleuze e Guattari (1995), entende-se que esta não se dá apenas no processo de “invenção” de seres e personagens da escrita literária, como também está presente nas próprias narrativas de si, que nada mais são do que a corporificação de nossas próprias perguntas, nossas próprias constatações ou de nosso próprio fluxo de pensamento. Fabulamos mesmo quando nos retemos à memória de acontecimentos, pois nosso imaginário produz ficções no momento mesmo que vivemos o acontecido, agregando camadas de sensações, que passam a configurar também a memória do vivido (GORINI, 2020). São formas de relatar o passado, evidências de uma criatividade posta em ação, rompendo qualquer ideia de pureza relativa a essa história: fabular invoca, junto ao ato de narrar, o ato de criar (PIMENTEL, 2017). A fabulação, assim, é uma forma de evidenciar a complexidade do mundo contemporâneo em que vivemos e sua diversidade de pontos de vistas. Ou, como diria Anzaldúa (2000) em suas reflexões, “No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo.” (p.232).

Missivas Moventes: e você, o que te move?

Estudar as cartas em suas produções mesmas, é uma forma de compreender melhor a estrutura epistolar como dispositivo fabulatório autobiográfico. Nos próximos subitens, vamos observar o encontro do método epistolar com os alunos que participaram do Projeto Missivas Moventes. Ao olhar para as cartas produzidas, poderemos seguir uma trilha de observação da teoria posta em prática, o que faz vir à tona expressões sensíveis dos escritores em ação.

A análise se dá de maneira intuitiva e introdutória, pelo diálogo que se

estabelece entre as cartas dos alunos e outras cartas, os temas que aparecem e por vezes se repetem, e meu diálogo enquanto observadora privilegiada e observação sensível com as cartas produzidas. O conceito de dialogismo pode ser uma chave de leitura para alinhar essas cartas. Ou, como debate Fiorin (2016), “Ao tomar em consideração tanto o social como o individual, a proposta bakhtiniana permite examinar, do ponto de vista das relações dialógicas, não apenas as grandes polêmicas filosóficas, políticas, estéticas, econômicas, pedagógicas, mas também fenômenos da fala cotidiana [...]” (p.30-31).

Bruno e Igor

Na carta de Bruno Nemer⁷, a temática relacionada ao tempo digital aparece como introdução das perguntas que oferece o Igor, seu destinatário. Assim ele fala: “Nesse mundo digital, espero que você possa sentir melhor as minhas palavras, que são escritas manualmente nesse pedaço de papel. Eu queria te perguntar: o quê que te move?” (2023). O tempo está presente na carta do Bruno, no contato com seu destinatário, que o faz refletir sobre a carta manuscrita como um meio de poder sentir melhor as palavras, como mãos que podem atravessar o tempo e a materialidade do papel e tocar o outro. Um tempo que parece atuar de dentro para fora, do eu em direção ao outro. Bruno segue, fazendo referência à carta de Van Gogh:

Na carta que li do Van Gogh eu senti uma indagação dele, e certa ansiedade, sobre trabalho e produtividade. Fiquei pensando o quanto vivemos certos momentos em piloto automático e acabamos nos distanciando do propósito de nossas escolhas. Palavra bonita essa, né? Propósito. Nesses devaneios, me fiz essa mesma pergunta: o que me move? (NEMER, 2023)

A questão do tempo era muito presente nas cartas. Seja porque eles escreviam à mão, um texto, no período de 1 hora, no final da aula. E isso, como relataram, era pouco comum, já que estão acostumados a escrever trabalhos,

⁷ As cartas de alunos aqui apresentadas foram autorizadas para escrita de artigo e para a produção do podcast Missivas Moventes.

montar apresentações, escrever em formato digital e normativo, e o fazem de casa. Seja porque havia o tempo de receber (a carta de um colega ou a proposta do dia) e depois pensar e escrever (ou responder). E o tempo de ler e ouvir, no compartilhamento em roda, suas produções.

Igor Freitas, estudante, também fala sobre ser atravessado pela velocidade da vida, em descompasso com seu próprio tempo. Na carta para Bruno, ele conta: “A velocidade da vida às vezes me deixa perdido, sem noção do que sou, envolto de paradigmas insolucionáveis que eu mesmo criei. *Escrever me tira desse universo sufocado, pelo menos por algumas horas.*” (Freitas, 2023, grifo meu). Ao expor sua realidade diante do tempo, Igor parece reafirmar a ideia de “aqui eu posso parar”. O tempo da escrita criativa, que se aproxima do tempo do diálogo, mesmo que entre ausentes, captura um ritmo mais orgânico, mais aproximado do corpo, onde é possível respirar. Mais à frente na carta, Igor complementa:

Quando digo melhor, estou certo disso. Assim como estamos certos do pôr-do-sol, mas não o vemos mover-se, até que já tenha se movido. Os labirintos descompassados em que eu me perdia já não existem mais. Me resta agora uma reta, tudo que preciso é de força. Força esta que tenho, pelo menos acredito nisso. Espero que a vida não me mostre o oposto. Digo isso sabendo sinceramente que ela vai me mostrar, e por saber sinto que ganhei o jogo. (Freitas, 2023)

Neste trecho, Igor também expressa a forma como os ritmos da vida se impõem sobre ele. Porém, em vez de falar de tempo, fala de espaço, de direções. Fala de movimento, que está presente na imagem do pôr-do-sol e dos caminhos que traça. Movimento é também a forma como nos deslocamos no espaço, quando falamos de movimento físico, ou dentro de si, em movimentos internos, subjetivos. São expressões de sentido que se abrem ao texto criativo escrito com o tempo reflexivo.

Aqui, podemos pensar no que Leda Maria Martins define como tempo espiralar. Mais do que uma experiência cronológica, o tempo pode ser experienciado ontologicamente, o que significa, entre outras coisas, que ele não instaura apenas uma ordem sobre um resistente caos, ou organiza acontecimentos em cadência. O tempo constitui a própria existência enquanto

expressão do sujeito em sua coletividade. Ela diz:

[...] movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências cronológicas e ontológicas que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem. (MARTINS, 2021, n.p)

Tempo e memória se encontram a cada vez que abrimos e lemos uma carta. Da mesma forma, as cartas recebidas são celebradas com o tempo do demorar-se, das releituras, dos reencontros. Em uma carta escrita é possível pensar, apagar, refazer, guardar, reler, é possível escrever “com tempo”.

Maria e Clarice

Nas cartas escritas por Clarice Lispector, reunidas em uma coletânea e organizada como abordagem biográfica da escritora, revela-se, por seu caráter espontâneo, fragmentos de intimidade em narrativas autobiográficas. Olhemos para um trecho de carta escrita por Lispector a seu amigo Fernando Sabino, que também foi usada em aula, como disparador poético:

Me parece que cheguei a um ponto de onde não posso mais sair. Não quero empregar grandes palavras, mas isso é insuportável e eu tenho suportado segundo por segundo. [...] Estou cheia de problemas e cada dia um deles entra em estado de crise, sem socorro. Interrompi mesmo o trabalho. Minha impressão é de que é para sempre. (LISPECTOR, 2020, n.p)

Esta carta não foi escrita para ser publicada. Curiosamente, revela uma escrita que trabalha em um fluxo de consciência muito similar ao de suas protagonistas. Ideias que seguem um ritmo próprio, um encadeamento de imagens, sensações, sentimentos, que desconcertam o tempo linear dos livros. O tempo reflexivo que pode também ser visto como um tempo de descontinuidade e simultaneidade, como antes citado em Martins.

Em uma passagem da carta escrita pela aluna Maria Sans, impulsionada pela sensorialidade de Lispector, também parece acontecer esse fluxo de consciência, que ganha velocidade e ritmo na medida em que ela se apresenta por sua ansiedade. Ela diz:

Mas antes mesmo de ser perguntada sobre as questões existencialistas, eu mesmo as impus sobre mim: o que me movimenta? Pra que sirvo? O que me faz levantar todos os dias? Essas perguntas sempre me assustaram, ainda mais por pensar que sou uma máquina de erros ambulante. Pensar em mim mesma me faz sentir o gosto da ansiedade. Sempre parei por aí, me acomodei em pensar que bastava apenas existir, e mais nada. Neurótica-obsessiva, esse é o meu laudo. (SANS, 2023)

Maria cria uma trilha de perguntas e afirmações sobre si que mantém o leitor atento e no limite entre conhecer o outro na narrativa de si, e se reconhecer no outro, como uma espécie de espelho invertido.

Ainda tendo o tempo como chave de leitura, esse ritmo acelerado também aparecia relatado em sala de aula, nos debates com alunos, sempre muito associado ao ritmo das redes sociotécnicas, à velocidade do digital. Interessante pensar que, nesse contexto, pulamos de assunto, gosto, *trending topics*, ou imagens, na rapidez do gesto de mover o polegar para cima, antes mesmo de captar o conteúdo que se apresenta. Um tempo de desenvolvimento veloz, que impõe modos de funcionamento marcados pela fragmentação, pelo descontínuo.

Paula Sibilia, em seu artigo “Você é o que o Google diz que você é” (2018), apresenta um debate que pode ser interessante para a reflexão sobre o tempo digital. Neste texto, a autora discute a questão da memória e do direito ao esquecimento nas plataformas digitais como “sonhos de uma memória editável ao gosto do consumidor, como se a própria vida fosse uma história contada em suporte digital, cujos episódios desagradáveis pudessem ser apagados – ou melhor, deletados – com a eficácia típica dos computadores e por livre decisão de cada um.” (p. 205). A crítica nos faz pensar que, na prática, não editamos nossas memórias digitais; há um museu de fotos, fatos, frases ou acontecimentos que simplesmente permanece à nossa revelia.

O que a reflexão de Sibilia nos acrescenta nesse debate é pensar sobre as subjetividades juvenis produzidas a partir dos atravessamentos das tecnologias digitais de comunicação, que são marcadas por um descontínuo contínuo. Se, por um lado, somos bombardeados com informações na interação entre redes

sociotécnicas, por outro, temos a presença do perene, daquilo que permanece mesmo quando não queremos mais encontrar.

A análise da produção epistolar dos alunos, além da busca por pontos de contato em temas emergentes (que surgem a partir das temáticas propostas, dos debates em sala de aula e da própria produção), podem revelar sentidos produzidos no contexto das juventudes contemporâneas. O que também se relaciona com a proposta metodológica em si mesma, pelo prisma da abordagem interacional dos discursos produzidos em aula.

Vitoria e Lívia

O tempo espiralar também se revela na carta da aluna Vitória Almeida, para sua destinatária Livia. Nela, Vitória reflete sobre o sentido de deslocamento presente no movimento que é a própria vida. Ela diz:

Querida Lívia, andei questionando a vida por aí e me perguntando o porquê disso tudo. Por que me levanto da cama todos os dias para ir pra faculdade? Por que sigo uma rotina recheada de regras para chegar em casa cansada no fim do dia? Perguntei a um amigo, o que te move? E ele me respondeu depois de um tempo, deitado na grama, com os olhos pousados no sorriso tímido da lua... sabe o que me move? Saber que amanhã eu não serei o mesmo que ontem. Mesmo se eu te encontrar amanhã, a gente não vai ser o mesmo que hoje, porque andar por aí é se arriscar numa verdade que só a gente acredita. (Almeida, 2023)

Na carta de Vitoria, a chave de leitura do tempo dá espaço ao incerto, desconhecido, ou o risco. Assim como na carta de Igor, o tempo aqui é do deslocamento de si, entre o ontem e o hoje, o risco de tornar-se outro.

As cartas estabelecem relações subjetivas entre pessoas, que servem como forma de ancorar a realidade vivente em reflexões que fazem sobre si. Quando somos levados ao exercício do manuscrito, realidade e ficção parecem não ser mais uma questão, e sim a expressividade que é potencializada pelo ato de narrar. Para a teórica Nora Bouvet (2006), o ponto de distinção mais específico da carta, em relação a outros tipos de textos, é o fato de que ficcionamos enquanto escrevemos, criamos um diálogo com o destinatário que não existe, é imaginado.

A partir do momento que abrimos o campo da criação e da imaginação, realidade e ficção se misturam e tornam-se estratégias sensíveis de comunicação. Este aspecto também se torna evidente ao longo das experiências com a metodologia epistolar, em que os participantes são incentivados a criar. A aluna Lívia Rocha Zardo, estudante do curso de Antropologia, escreve uma carta para sua colega de turma Vitória, como uma ficção de carta-resposta. Ela diz:

Nessa confusão, tento manter em lembrança a beleza do presente como consolo, nos clarões que iluminam as noites de tempestade. O canto dos sabiás quando abro os olhos, o pão com manteiga que me faz levantar, o expurgo da água que me acorda, o cheiro de café e o pôr do sol na orla que trazem as tardes, os amigos e a cama quente que fazem das noites bem-vindas. Os planos de sextas apaixonadas que animam minhas semanas. Os planos dos meses seguintes que fazem os anos passarem. (Zardo, 2023)

Lívia usa imagens de paisagens para compor sua narrativa, como memórias imagéticas que se misturam em sua escrita, agregando sensações e desenhando uma espécie de paisagem sonora, quando ouvimos sua voz lendo a carta. Quase podemos sentir o cheiro de café e ouvir os pássaros cantarem. A linguagem poética aparece, assim, como permeando um discurso de intimidade, revelado pelo próprio exercício criativo da escrita.

O trecho narrado pela aluna Lívia me fez lembrar do livro “A invenção da paisagem”, da historiadora de arte Anne Cauquelin (2007), em que ela introduz a questão da paisagem através da narrativa da lembrança de um sonho e de histórias que foram a ela contadas sobre a casa que vivera em sua infância. Para a autora, as memórias e os sonhos são partes constituintes do imaginário pessoal e coletivo, que servem como disparadores poéticos para imaginar outros mundos possíveis, outras paisagens. Horizontes móveis em que a sensibilidade e a racionalidade trabalham juntas num exercício de criação. Materiais próprios da arte, dos processos criativos, das experiências sensoriais, sonho e memória são também articuladores da escrita fabulatória. Os horizontes desenhados pelas “paisagens” guardam muitas camadas de sensações, sonhos e memórias, que se articulam num mesmo plano e produzem uma imagem real e fictícia ao mesmo tempo.

Ana Clara, Lygia e Hélio

Durante o curso de expressão escrita, na UFF, uma das cartas trabalhadas foram aquelas trocadas entre Hélio Oiticica e Lygia Clark. Em um trecho da carta de Oiticica, fica evidente sua reflexão sobre o conceito de objeto com que os artistas estavam experimentando e criando, nos anos de 1960/70, durante o Movimento Tropicalista. Ele conta:

Lyginha, estou louco para conversarmos pessoalmente: creio que poderemos botar fogo nesse continente. Tenho tido vivências incríveis justamente pelo não compromisso mais com a “obra” mas com a sucessão de momentos em que o agradável e o desagradável é que contam, crio daí objetos ou não; por exemplo, estou agora sem nada aqui e pego o que há de mais essencial, que é nada, por exemplo, uma esteira de palha e coloco no chão para que se deite nela: chamo isso de “projetessência” (derivado do conceito de “proobjeto” inventado por Rogério [Duarte] um dia depois de horas de conversa: “proobjeto” seriam os objetos “sem formulação” como obras acabadas mas estruturas abertas ou criadas na hora da participação). Agora não sinto necessidade de construir objetos mas uma lata cúbica vazia me deu vontade de colocar água nela e pronto: é para que se olhe aquela lata com água, olha-se como num espelho, o que já não é apropriação como antes mas o objeto aberto essencial, que funcionará conforme o contexto e a participação de cada um; a esteira estendida no chão também. (Figueiredo, 1998, p.52)

Nessa passagem, Hélio revela uma etapa de seu processo criativo, na relação com a obra de arte pela participação do público, do que seria a finalidade da arte pela relação, e do objeto pela experimentação. As cartas trocadas entre Oiticica e Clark reverberaram em alguns alunos, como forma de falarem sobre seus próprios processos criativos, ou sobre como entendem arte. Por exemplo, na carta de Ana Clara Pimenta:

Uma das coisas que mais me interessam na vida é o conceito de conexão e integração humana, um como simultaneamente espelho, parte e influenciador do outro. Meu conceito preferido de arte é o que a define como a experiência, não o objeto: arte como a comoção em si, não o que comove. Acho que a união desses fatores é o que me encanta e me enreda. Mas, no propósito da honestidade, o que me move é a obsessão. Minhas épocas de menos equilíbrio são as mais inspiradas porque sinto a necessidade de esvaziar um dos lados da balança. Tudo vem com a sensação de refluxo, tudo sai queimando e deixa pra trás tanto alívio quanto ácido. (Pimenta, 2023)

As cartas de Ana Clara, ao longo do curso, refletem sobre seus processos de encontro com a arte. Neste trecho em particular, a inspiração provocada pelas cartas dos artistas, aparece na afirmação da arte como experiência, e não do objeto em si. Aqui, o diálogo entre ausentes atravessa décadas, mesmo esta carta não tendo sido escrita para eles. Absorve em nossa contemporaneidade aquilo que ainda é sensível, e torna visível, através de suas palavras, essa relação de tempo-espço.

A análise das cartas segue uma lógica guiada pela proposta temática, como parte da metodologia, em como é recebida e como é “respondida”, e os enunciados que aparecem nas cartas apresentadas. O tema preponderante, neste trabalho, foi o tema do tempo, que se formos costurar pelo conceito de dialogismo, nos permite compreender como se vinculam às temáticas propostas (o que te move?), ou aos conceitos e pensadores articulados em meu próprio diálogo com as cartas. Isso justifica a articulação não de maneira arbitrária, mas no entendimento de que, “A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. [...] Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele de uma interação viva e tensa.” (Bakhtin *apud* Fiorin, 2022, p.21).

Com amor, considerações finais

Como é o ser intenso entre professor e aluno, no convívio acadêmico, no critério de avaliação? Já que os alunos [se] inspiram também na academia, querendo ser professor, para se espelhar no modo acadêmico. *Inspiração de como escrever uma carta, como se comportar perante a classe sem ser julgado, no modo de escrever uma carta, no modo de falar dos autores, no modo de se expressar?* (Magalhães, 2023, *grifo meu*)

A carta do aluno Romulo Magalhães, escrita para mim, a professora, reflete sobre o desafio de se expor diante da classe. Romulo é uma pessoa com deficiência que participou ativamente dos debates, produção escrita e da gravação do podcast. Pensar o Método Epistolar aplicado em sala de aula como projeto de ensino, me conecta com a minha emoção, como pequenos segredos,

íntimos e potentes que se presentificam em formato de missivas. Talvez por toda influência de bell hooks em meus últimos anos como sua leitora, que reafirma o poder falar, teorizar, escrever sobre sua história pessoal como processo de cura (1995). Ou pela influência da pedagogia libertária de Paulo Freire, que entende o afeto como articulador de processos de ensino-aprendizagem, nas trocas entre professor e aluno (1996). A experiência vivida até agora, com o desenvolvimento do Método Epistolar me faz acreditar na potência do método como tecnologia sensível de comunicação.

As observações feitas a partir das cartas e do Método Epistolar buscaram refletir sobre as evidências sensíveis levantadas pela reflexão que os jovens fazem sobre si, a partir de uma pequena amostra, os alunos participantes do Projeto de Ensino Missivas Moventes. Tais evidências são orientadas pela produção de escrita criativa de narrativas de si e este ensaio é apenas um ponto de partida de uma pesquisa que se encontra em fase inicial de desenvolvimento. Como hipótese de mobilizar outra dimensão simbólica através das cartas, observamos que as cartas, ao abrirem-se a uma escrita criativa, manual e de lento processamento, refletiram sobre questões subjetivas de seus escritores.

Neste aspecto, acredito ser possível, como encaminhamento de pesquisa, articular a escrita de cartas como metodologia sensível de comunicação para mapear em uma cartografia afetiva a produção subjetiva de culturas juvenis contemporâneas. A metodologia de cartas escritas, não para serem enviadas, mas para instigarem a escrita autobiográfica, poderá servir como articulação potente na construção de um saber relativo à produção subjetiva e a produção de sentido na contemporaneidade. E por seu caráter criativo e fabulatório, pode ser aquilo que Anzaldúa considera um lugar difícil e inevitável, escrever para se manter viva:

Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (Anzaldúa, 2000, p.232, grifo meu)

Referências Bibliográficas

- ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Revista Estudos Feministas, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 229, 2000. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 5 jun. 2024.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOUVET, Nora. *La escritura epistolar*. Buenos Aires: Eudeba, 2006.
- CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins, 2007.
- COSTA, Renata F.; DE SÁ, José D.F.; BARBOSA, Luiza D.S. Análise pragmático-discursiva de cartas trocadas entre Epifânio Dória e José Calasans. In: *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: USP, 2020.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1 Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- FIGUEIREDO, Luciano (Org). *Lygia Clark – Hélio Oiticica: cartas (1964 – 1974)*. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 1998.
- FIORIN, José L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GORINI, Paula. Carta para ELAS: um estudo sobre práticas de comunicação não-hegemônica para mídia sonora. *Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*, [S. l.], v. 10, n. 1, 2023. Disponível em:
- LANDOWSKI, E. *Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido*. Galaxia (São Paulo, online), n.27, p.10-20, jun. 2014
- LISPECTOR, Clarice. *Todas as cartas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- MARTINS, Leda. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MISSIVAS MOVENTES. Projeto de Ensino. Professora responsável: Paula Gorini. Departamento de Estudos Culturais e de Mídia. UFF, 2023.
- MORAES, Marco Antonio. Epistolografia e Crítica Genética. In: *Ciência e Cultura*, v. 59, n. ja/mar. 2007, p. 30-32, 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n1/a15v59n1.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2024.
- RODRIGUES, Sergio [org.]. *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.
- ROLNIK, Suely. *Geopolítica da cafetinagem*. Conferência, 2006. Acesso em: <http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt>
- SHAUN, Usher [org.]. *Cartas Extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas*

notáveis. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

SIBILIA, Paula. Você é o que o Google diz que você é: a vida editável, entre controle e espetáculo. In:

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e terceiro entorno: diálogos com Galimberti, Echeverría e Martín-Barbero. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 3, p. 57–66, 2010. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v15i3p57-66. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/44845>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SUASSUNA, Livia. *A teoria sócio-interacionista de Mikhail Bakhtin e suas implicações para a avaliação educacional*. Matraca (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, RJ, v. 15, p. 69-84, 2003.

VAN GOGH, Vicent. *Cartas a Théo*. Tradução de Pierre Ruprecht. Porto Alegre (RS): LP&M, 2010.

Cartas dos alunos/ Agradecimentos:

Ana Clara Pimenta; Bruno Mendes Correia Nemer; Igor Gomes de Freitas; Livia Rocha Zardo; Maria Eugênia Gomes Sans; Romulo Carvalho Magalhães; Vitoria Lucas Monteiro de Almeida